



RESENHA

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto & Maria Ivoneti Busnardo Ramadan. *Análise do discurso ecossistêmica: teias e trilhas do ecossistema mental*. Campinas: Pontes Editores, 2024, ISBN: 9786556379685.

Resenhado por Ubirajara Moreira Fernandes, *Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista*

Este livro é o terceiro que se publica sobre análise do discurso de base ecossistêmica/ecológica. O primeiro foi *Análise do discurso ecológica – ADE*, de autoria de Hildo Honório do Couto, Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto & Lorena Araújo de Oliveira Borges, publicado pela Pontes Editores, de Campinas, em 2015. O segundo saiu com o título *Análise do discurso ecossistêmica – ADE*, em 2021, de autoria de Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto & Eliane Marquez da Fonseca Fernandes (ISSBN 978-65-994624-0-5). Como se vê, aqui há uma alteração no nome da disciplina, usando-se “ecossistêmica” em vez de “ecológica”, embora a sigla tenha permanecido a mesma, ADE. Ele está disponível *online* no site da Linguística Ecossistêmica em <https://www.ecoling.unb.br/images/E5.pdf>

Quanto ao livro ora resenhado, *Análise do discurso ecossistêmica: teias e trilhas do ecossistema mental*, ele está assinado por Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto & Maria Ivoneti Busnardo Ramadan, publicado também pela Pontes Editora, em 2024.

Sabemos que a Análise do Discurso Ecossistêmica, juntamente com a Linguística Ecossistêmica, reconhece três dimensões na língua e nas atividades linguísticas em geral, chamadas ecossistema natural, ecossistema mental e ecossistema social da língua. Como se pode ver no subtítulo do livro (teias e trilhas do ecossistema mental), ele tem por objetivo primordial explorar o lado mental da atividade languageira, no que vai de encontro à esmagadora maioria dos ensaios sobre análise do discurso, que têm enfatizado o lado social. A propósito, pode-se dizer que até mesmo no âmbito da Ecolinguística se tem subvalorizado a dimensão natural, esquecendo que os humanos são antes de tudo carne e osso e são dotados de um cérebro e uma mente, que é o cérebro em funcionamento. É aí que se dão grade parte dos sofrimentos que afligem os humanos, além dos sofrimentos físicos e os sociais (difamação, desmoralização perante aos demais membros da comunidade etc.). Após esses comentários preliminares, passo em revista o conteúdo do livro de Elza Kioko do Couto e Maria Ivoneti Ramadan.

ECO-REBEL

O livro consta de uma Introdução, quatro capítulos e as Considerações finais, além do prefácio de Zilda Dourado Pinheiro. Já na Introdução as autoras apresentam o cenário em que a ADE se faz necessária diante da piora da vida dos mais pobres devido ao “desequilíbrio ecológico” que está levando à “extinção de recursos naturais” (p. 13). A despeito das críticas que fazem à desenfreada busca por desenvolvimento científico, elas tentam vislumbrar um lado positivo na ciência, no qual se deve “priorizar a interdependência entre os seres vivos, restaurar a natureza, dessacralizada pela ganância humana, e adotar uma visão complexa da realidade e do homem em suas contradições, imprevisibilidades e incertezas” (p. 14). Enfim, o livro nos instiga a reconhecer que nós, humanos, somos não apenas seres de carne e osso que têm uma vida social. Como a ADE reconhece três dimensões na linguagem e na vida, vemos que medeando as duas dimensões extremas (natural e social), temos uma vida mental que, no fim das contas, é a que determina grande parte de nossa personalidade, nossas incertezas, fobias, neuroses, depressões etc. Vale dizer, na tríade “ecossistema natural da língua”, “ecossistema mental da língua” e “ecossistema social da língua”, é preciso valorizar a ligação que há entre os dois extremos. É o que se diz na Introdução, que termina com um breve histórico da ADE e suas fontes de inspiração. É o que as autoras pretendem fazer neste livro, contrariamente ao que se tem feito tradicionalmente.

O capítulo 1, “Análise do Discurso Ecológico (ADE)”, é uma apresentação detalhada da ADE e de seus pressupostos ecológicos. Ele tem 48 páginas, sendo ultrapassado em extensão apenas pelo terceiro, “A ADE, as neurociências e os pressupostos jungianos” com 62 páginas, sendo o segundo, “Ecossistema mental”, o mais curto, com apenas 12 páginas.

Já na Introdução (1.1) do capítulo 1 as autoras apresentam uma síntese de seu conteúdo.

Iniciamos com algumas considerações sobre a Ecologia Profunda, na qual a ADE se baseia, bem como sobre a Ecologia em si, que é a base epistemológica da disciplina. Explicamos os conceitos de ecossistema linguístico (e quais são eles), de texto-discurso e de interação comunicativa. Elencamos os elementos de uma Ecologia da Interação Comunicativa (EIC), as contribuições da Gramática Sistêmico-funcional e os métodos e categorias de análise da ADE. Por fim, mas não menos importante, repensamos a questão do sofrimento dentro da teoria, de modo a nortear melhor o pesquisador no momento de uma análise” (p. 19).

Aí está, em miniatura, o conteúdo do capítulo. Ele explora as fontes da ADE na Ecologia biológica, na Ecologia Profunda e as influências da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday. Mas, um componente importante é a discussão sobre o fato de a Linguística Ecológica ver a língua como interação, não como instrumento de interação. Mas, entram mais fundo no diferendo da ADE, a questão biológica, com os sofrimentos que ela implica.

No que concerne à Ecologia profunda, as autoras expõem seus oito princípios propostos por Arne Naess em 1973, entre os quais eu gostaria de salientar dois. Primeiro, a ideia de que nós somos apenas mais uma espécie viva no mundo, o que mostra que nada justifica nosso antropocentrismo. Segundo, a sugestão de que quem adota esses princípios tem a obrigação de intervir em prol da defesa da vida, o que inclui uma luta contra o sofrimento evitável. Estas últimas constituem o núcleo da ADE. O cientista, o linguista e o ecolinguista com mais razão, devem se engajar em prol da defesa da vida na face da terra para evitar o sofrimento e a morte.

Em seguida as autoras aprofundam um pouco mais as “raízes da ADE”. Aqui eu faço uma crítica a elas, pois, afirmam que “a ADE é parte da Ecologia” [...] “não da LE” (Linguística Ecológica). “Assim, não pensamos que uma é parte da outra”, fato que expõem numa figura em que haveria apenas intersecção entre ADE e LE. Ora, isso vai contra tudo que foi dito antes na literatura sobre ADE e LE, desde 2014. Como o próprio nome já diz, “Análise do Discurso

Ecossistêmica” é, sim, parte da Linguística Ecossistêmica. A literatura tem mostrado que a ADE também é ecossistêmica pelo fato de visibilizar mediante um *zoom* o que fica invisível da perspectiva macro da LE, ou seja, a defesa incondicional da vida e a luta contra o sofrimento evitável. Nesse ponto o livro não é convincente, o que não desmerece seus outros grandes méritos. No restante do capítulo o livro se volta para o que é discurso e que discurso estudar na ADE. Enfatiza bastante a ecologia da interação comunicativa, que põem em primeiro lugar, sendo que deveriam ter posto os dois princípios recém-mencionados, pois a ideia de língua como interação já é parte da Linguística Ecossistêmica. Uma faceta interessante do capítulo é a breve discussão sobre as contribuições que a Linguística Sistêmico-Funcional pode trazer para a Ecolinguística e, por extensão, para a LE e a ADE. Discute-se o “papel do pesquisador”, apresentam-se “algumas categorias da ADE”. Discutem a questão metodológica da análise do objeto de estudo (nível micro) e da interpretação dos resultados, no nível macro da visão ecológica de mundo (VEM). Entre as categorias que discutem incluem-se a ecologia da interação comunicativa, para as autoras o núcleo da ADE, e a intertextualidade, categoria de outros modelos de análise do discurso. Alinham categorias da Ecologia como holismo, diversidade, adaptação, evolução, reciclagem, porosidade, sustentabilidade, visão de longo prazo etc.

Na última seção do capítulo (1.12), as autoras adentram mais profundamente o busílis da questão para a ADE, a “ecologia da vida”, na qual se incluem as já mencionadas defesa da vida e a luta contra o sofrimento evitável, no espírito de uma ética do cuidado com o fim de superar a vulnerabilidade dos seres vivos na face da terra.

O capítulo 2, o mais curto do livro (12 páginas) tem por título “Ecossistema Mental”. Por não verem a ADE como parte da LE como na tradição dos estudos ecossistêmico-linguísticos, as autoras não expõem os pilares ecossistêmicos do ecossistema mental. Na verdade, no ecossistema mental da língua o agente das interações, seu lado P, é constituído pelos neurônios, intitulados P₂. As interações entre eles se dão no cérebro, que é o *locus* delas, seu território (T₂). As próprias interações constituem a língua da perspectiva mental, ou seja, L₂. Mas, acertadamente elas enfatizam o papel das “ciências auxiliares” do mental. Entre elas a Linguística Cognitiva, e a teoria antropológica do imaginário de Gilbert Durand, especialidade da primeira autora. Aí entram ainda a Psicolinguística, as neurociências e outras.

Por sinal, as neurociências, juntamente com ideias da teoria psicanalítica de Jung, constituem o objeto do capítulo 3 que, como já assinalei acima, é o mais longo do livro. Dessas ciências, as autoras aproveitam a “abordagem comportamental e cognitiva, pois, por meio da língua e do discurso, pode-se chegar ao entendimento do funcionamento do cognitivo, emocional e social de um indivíduo ou de uma comunidade, visto que emoção, atenção, memória, pensamento, dentre outros, se manifestam na linguagem e no discurso” (p. 81-82). Elas citam, entre outros, o conhecido neurologista e neurocientista português António Damásio. Entram na conceituação de cérebro, mente e psique, além de alguns “pressupostos jungianos”.

Seção 3.3.1 do capítulo é dedicada à “análise de textos” (p. 91-127). Os textos analisados são *As mil e uma noites*, *Eros e psique* (Fernando Pessoa) e *Metade* (de Oswaldo Montenegro). Independentemente da qualidade da análise, que parece boa, me parece que esta seção está um tanto deslocada no livro. Na verdade, ela deveria constituir um capítulo à parte, como quarto, “Análises segundo a ADE”. Na parte 3.3.2 falam de “Linguagem, mito e comunicação de arquétipos”, de certa maneira retomando a discussão teórica, mesmo que pontilhada de exemplos de figuras arquetípicas, mas terminando com um exemplo retirado de *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto.

A seção 3.4 volta-se para “O ato de imaginar: exercício essencial da mente/cérebro”, portanto, retoma-se a teoria, desta vez ilustrada pela discussão de uma pintura rupestre da Serra da Capivara,

no Piauí. Salientam-se as íntimas imbricações que grupos étnicos antigos viam entre as imagens das coisas do mundo e eles próprios. Em seguida, voltam-se, de novo, para a teoria, discutindo a concepção de imaginação de Kant, Durand, Cassirer e Bachelard, passando pelas “Convergências entre a ADE e o ideário de Edgar Morin” (seção 3.4.2). Com sabemos, Morin é um dos grandes estudiosos dos sistemas complexos, sempre com um pé na Ecologia, terminando com uma retomada de “Damásio e as imagens” (3.4.3). Por fim, o capítulo se volta para a “Análise de quadros” (seção 3.5). Entre os exemplos que analisam encontram-se “O jardim” de Monet, um quadro de Salvador Dalí sobre a aparição de um rosto em uma fruteira. Após mostrarem um “Mapa do funcionamento dos neurônios” (p. 135), arrematam a discussão citando o neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis e, de modo mais extenso, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, que comenta a *selfie*, típico exemplo de isolamento social, individualidade exacerbada e da impessoalização de nossa época. Aliás alguém já disse que *selfie* é uma masturbação fotográfica. Vale dizer, não há mais tempo “para a imaginação, o pensamento, o devaneio, a racionalidade e a fantasia, componentes inerentes da espécie” (p. 139). O capítulo é finalizado retomando Edgar Morin. Elas veem nas ideias do autor que o “objetivismo científico, o conluio da ciência com os ditames neoliberais e com o mercado, a disjunção da subjetividade humana da ciência, o conflito entre ética e ciência, tudo isso são questões que devem estar na ordem do dia de um pesquisador” (P. 141).

Embora tenham sido feitas diversas análises de dados concretos nos capítulos dedicados à teoria, o capítulo 4, o último, se intitula “Análises segundo a ADE” (p. 143). No primeiro parágrafo as autoras informam que “serão abordados dois exemplos práticos de como a ADE pode ser mobilizada, utilizando-se todo o exposto até então, na análise de textos-discursos”, que serão uma “propaganda de lançamento de um edifício de luxo no bairro dos Jardins em São Paulo, veiculada na mídia televisiva em horário nobre”, e o conto “A sétima árvore” de Milton Hatoum. A propaganda procura se inserir no que há de mais moderno, atual, em sintonia com o mundo globalizado. O prédio foi planejado por arquitetos renomados e executado por engenheiros renomados, auxiliados por decoradores também renomados. Na mensagem em si, usa-se uma linguagem acessível e cara às classes ricas, pois o local são os Jardins em São Paulo.

O conto de Hatoum trata de algo diametralmente oposto, a vida na floresta, com tudo que isso implica. Parece que o conto está transcrito na íntegra. Como se lê no início dos comentários, “Por se tratar de texto narrativo ficcional, os sujeitos, o tempo e o espaço devem ser tomados como redes de interações que se dão em seu interior, construídas por meio do ecossistema natural – marcação temporal e espacial; do ecossistema mental – imagens e símbolos estéticos; e do ecossistema histórico social – personagens e narrador com suas visões de mundo, experiências e sentimentos”. Vale dizer, as autoras explicitam que a análise será feita com base nos parâmetros da ADE. Eu não vou entrar nos detalhes da fina análise feita do conto, bem como da propaganda televisiva. Em vez disso, gostaria de terminar essa resenha com um texto que se encontra no *site* da Pontes Editora sobre o livro.

*Levantar a bandeira da ética do cuidado com o outro e com os vulneráveis não é mais exclusividade de movimentos assistencialistas. Em tempos de complexidade nas ciências e na sociedade, observa-se o compromisso de algumas áreas de pesquisa em dialogar com metodologias convergentes, ou seja, com disciplinas que possam ampliar o entendimento de seus objetos de pesquisa com vistas às necessidades humanas. É o que este livro – **Análise do Discurso Ecológico: teias e trilhas do ecossistema mental** – propõe.*

A Análise do Discurso Ecológico (ADE) é uma disciplina recente, que trabalha a linguagem integrada à ecologia e elege a noção de “ecossistema” como ponto de partida na abordagem de seus elementos constituidores: as dimensões natural, mental e social. Além de revisitar a ADE,

ECO-REBEL

explicitando suas raízes e sua metodologia, o que este livro traz de inovador é o foco no ecossistema mental, já que o compromisso com o bem-estar do outro demanda ir além das motivações concretas que o mobilizam.

Por isso, o livro aproxima-se interdisciplinarmente de ciências auxiliares articuladas à linguagem, como as neurociências, as teorias da psique e nelas o papel dos arquétipos e da imaginação. Estas linhas oferecem a estudantes dispostos a conhecer a ADE um panorama geral da disciplina e exemplos de análise textual-discursiva, de modo a guiar futuros pesquisadores em seus próprios trabalhos.

Para além dos muros acadêmicos, qualquer leitor, voltado para a problemática dos dias atuais, pode tirar proveito destas páginas e redimensionar o alcance desse patrimônio inigualável da espécie: a linguagem e a mente humanas. Disponível em:

https://ponteseditores.com.br/loja3/pontes-editores-home-2__trashed/linguistica/analise-do-discurso-ecossistemica-teias-e-trilhas-do-ecossistema-mental/

Aceito em 29 de junho de 2024.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 2, 2024.